

ACOMPANHAMENTO SOBRE A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA NO DESLOCAMENTO EM ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPEL

Marina Souto Domingues¹; Tiago Silva dos Santos²; Otávio Amaral de Andrade
Leão²; Felipe Reinhardt Carvalho²; Marcelo Cozzensa da Silva³

¹Universidade Federal de Pelotas – marinas.domingues@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ss.tiago.s@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – otavioaaleao@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – felipereinhardt@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – cozzensa@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A atividade física (AF) é um fator que está associado a diversos eventos de saúde, tendo estreita relação com a prevenção e controle de inúmeras doenças. Seguindo essa lógica, diversos estudos têm buscado avaliar a duração, intensidade e frequência da AF em seus diferentes domínios (BAUMAN et al., 2009; RAMIRES et al., 2014).

Nesse sentido, MADEIRA et al. (2013) destacam que entre os domínios da AF comumente investigados, o deslocamento parece ter papel importante na mensuração do nível de AF. Além disso, SANTOS et al. (2009) salienta a relevância de focar especificamente nos deslocamentos, devido as evidências relatadas na literatura, segundo as quais, opções de transporte fisicamente ativo (caminhar e pedalar) podem promover importantes resultados em termos de saúde coletiva.

Segundo BAUMAN et al. (2009), parece haver uma maior frequência de deslocamento ativo em países de baixa e média renda quando comparados a países ricos. Entretanto, apesar da importância do mesmo para a saúde da população, são escassos os achados científicos sobre o tema.

No que tange a população universitária, vários estudos têm investigado os hábitos de vida desses indivíduos, explorando mais a fundo as questões de saúde (SILVA et al., 2015). Entretanto, especificamente sobre o hábito de deslocamento ativo, poucos estudos buscaram analisar o comportamento dessa população. Desta forma, a presente pesquisa teve o objetivo de comparar o nível de AF no deslocamento em estudantes de Educação Física (EF) de uma Universidade do Sul do Brasil em diferentes momentos da graduação.

2. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo longitudinal envolvendo todos os alunos ingressantes nos cursos de licenciatura e de bacharelado em EF da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL) no ano de 2014 (n=115). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da UFPEL sob parecer nº 1.109.109.

Para a coleta de dados, primeiramente ocorreu a solicitação da lista de estudantes matriculados junto aos colegiados de cursos da ESEF/UFPEL. Foi analisada a grade de horários das turmas para definir data e hora ideal para a abordagem, a qual ocorreu na primeira semana do semestre letivo, sempre no mês de março.

Na data e horários definidos, os pesquisadores esclareceram o objetivo da pesquisa, distribuindo o termo de consentimento livre e esclarecido e disponibilizando os questionários auto preenchíveis contendo questões referentes ao sexo (masculino, feminino), idade (anos completos), cor da pele (relatada pelo

entrevistado e posteriormente estratificada como branca, não branca), situação conjugal (solteiro, casado/mora com companheiro) e nível de AF (domínio de deslocamento) medido através da seção de deslocamento do Questionário Internacional de Atividade Física, versão longa, com recordatório dos últimos sete dias. Foram considerados ativos os alunos que atingiram 150 minutos ou mais de AF na última semana.

A análise dos dados foi realizada através do STATA 13.0, onde foi feita inicialmente a análise descritiva de todas as variáveis coletadas. A seguir foram realizadas as análises bivariadas, com cálculos da frequência de indivíduos fisicamente ativos conforme grupos das variáveis independentes. A diferença de proporções foi determinada por meio do teste de tendência linear. Para todos os testes, foi adotado um nível de significância de 5%.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos resultados da tabela 1, é possível verificar que a maioria dos estudantes que ingressaram nos cursos de EF da UFPel são do sexo masculino (58,3%), porém, quando analisados os dados do último ano de formação destes estudantes, uma equivalência entre homens e mulheres pode ser constatada. Já na faixa etária, a mudança observada entre as categorias “até 21 anos” e “22 a 30 anos” já era esperada, visto que o estudo realiza um acompanhamento dos estudantes ano a ano. Portanto, com o aumento da idade dos indivíduos analisados, o que se observa é uma redução gradual da frequência de sujeitos categorizados em até 21 anos e uma elevação na categoria seguinte, entre 22 e 30 anos de idade.

A maior parte dos universitários se declarou de cor da pele branca em todos os períodos de acompanhamento (tabela 1). Resultado similar foi encontrado na situação conjugal dos estudantes, onde a maior parte dos entrevistados era solteiro (dados não apresentados).

Tabela 1. Descrição das variáveis da amostra de acordo com os anos de acompanhamento em estudo.

Variável	2014 (n=115)	2015 (n=98)	2016 (n=73)	2017 (n=66)
Sexo	%	%	%	%
Masculino	58,3	57,1	58,9	50,0
Feminino	41,7	42,3	41,1	50,0
Faixa etária				
Até 21 anos	66,1	56,1	46,6	27,3
22 a 30 anos	21,7	28,6	38,3	56,1
31 anos ou +	12,2	15,3	15,1	16,6
Cor da pele				
Branca	86,9	81,6	87,7	83,3
Não branca	13,1	18,4	12,3	16,7

O nível de AF no deslocamento apresentou resultado preocupante, visto a redução verificada principalmente no último ano de graduação. Esse cenário pode ser melhor visualizado na figura 1, onde é possível verificar uma tendência de redução que vai de 56,8% na primeira coleta de dados, indo a 58,8% no segundo momento, e começando a reduzir de forma linear para 40% e 27,3% na penúltima e última coleta. Contrariando esses achados, SILVA et al. (2007), avaliando universitários de cursos da área da saúde, verificaram não haver diferença entre os níveis de AF de acordo com o período de graduação.

Em contrapartida, os resultados do presente estudo vão ao encontro daqueles relatados em estudo na cidade de Porto Alegre/RS (SOUZA et al. 2014). A redução da AF no deslocamento observada pode ser influenciada por uma combinação de aspectos econômicos, sociais e de infraestrutura. No caso do município de Pelotas/RS, um aspecto importante a ser considerado é a violência urbana. Ao comparar os dados dos indicadores criminais do município disponibilizados pela Secretaria de Segurança Pública do RS, é possível observar um aumento gradativo entre os anos de 2014 a 2017, indo de 2835 casos registrados de roubos em 2014, a 4140 no último ano, resultando em um acréscimo de 46% deste tipo de crime.

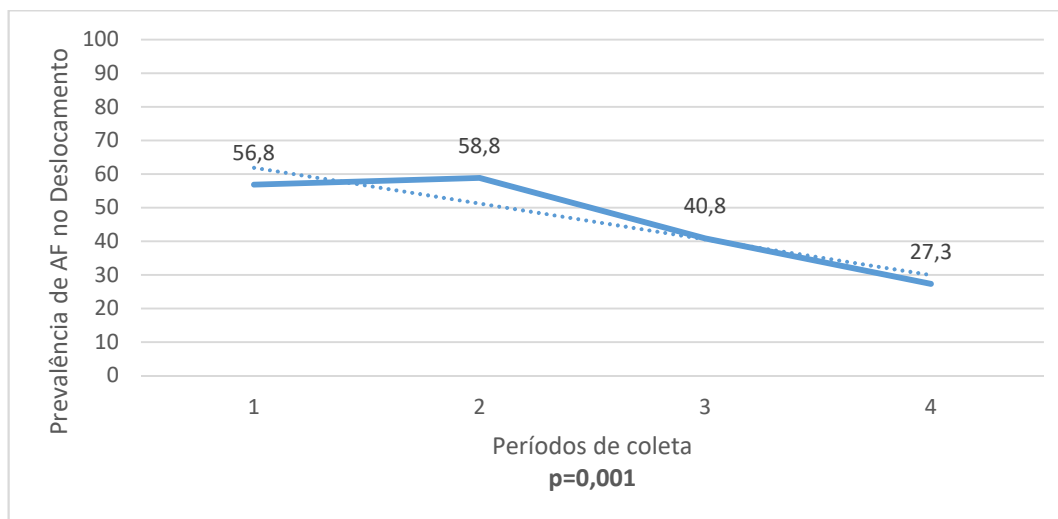


Figura 1. Prevalência de ativos no deslocamento nos quatro períodos de coleta.

A tabela 2 apresenta dados da associação entre o nível de AF no deslocamento e as demais variáveis do estudo. Pode-se verificar uma redução na prática de AF no deslocamento entre as estudantes do sexo feminino ($p=0,001$). De acordo com PITANGA et al. (2014) esse resultado pode ser influenciado através da sensação de insegurança comumente mais relatada pela população feminina quando comparada a seus pares. Entre os universitários de 22 a 30 anos de idade foi evidenciado o mesmo cenário de redução da prática de AF no deslocamento ao longo dos anos de graduação ($p=0,001$), o que pode ser explicado devido ao fato de indivíduos nessa faixa etária serem os mais suscetíveis ao cenário de violência urbana, de acordo com os dados sobre tentativas de roubo ou furto do IBGE (2009) (43,6% dos casos ocorrem com indivíduos desta faixa etária).

Os estudantes que se autodeclararam de cor da pele branca também tiveram uma diminuição em sua prática de se deslocar de forma fisicamente ativa ($p=0,001$). De acordo com SILVA et al. (2011), esta categoria corresponde as classes econômicas mais elevadas, as quais normalmente utilizam formas de transporte passivo em maior frequência, deixando de lado o uso de bicicleta e a prática de caminhada.

Tabela 2. Nível de AF no deslocamento de acordo com as variáveis da amostra nos anos de acompanhamento em estudo.

Variável	2014 (n=115)	2015 (n=98)	2016 (n=73)	2017 (n=66)	p*
Sexo					
Masculino	53,8	59,2	58,5	30,3	0,07
Feminino	60,0	58,3	16,7	24,2	0,001
Faixa etária					

Até 21 anos	58,0	63,3	54,5	33,3	0,11
22 a 30 anos	71,4	65,2	37,0	29,7	0,001
31 anos ou +	30,0	30,7	9,1	9,1	0,11
Cor da pele					
Branca	58,2	61,7	45,2	27,3	0,001
Não branca	42,9	47,1	11,1	27,3	0,20

*Teste de tendência linear.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que os estudantes de EF da Universidade Federal de Pelotas apresentaram um comportamento preocupante no hábito de deslocamento fisicamente ativo, sendo possível verificar uma redução acentuada na prática do referido hábito. É possível destacar ainda, que medidas de segurança pública devem ser priorizadas como forma de auxiliar na adoção e manutenção da prática do deslocamento ativo entre a população universitária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, A. et al. The international prevalence study on physical activity: results from 20 countries. **Int. J. Behav. Nutr. Phys. Act.**, v. 6, n. 1, p. 21, 2009.
- RAMIRES, V. et al. Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física e comportamento sedentário no Brasil: atualização de uma revisão sistemática. **Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde**, v. 19, n. 5, p. 529, 2014.
- MADEIRA, M. C.; et al. Atividade física no deslocamento em adultos e idosos do Brasil: prevalências e fatores associados. **Cad. Saúde Pública**, v. 29, p. 165-174, 2013.
- Silva, P.A.C.; Vaz, V.P.S.; Silva, M.C. Nível de atividade física no lazer e deslocamento e fatores associados em alunos de educação física em Coimbra-Portugal. **Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde**. 2015; 20(6):559-60.
- SSP-RS. **Indicadores Criminais**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Acessado em 28 ago. 2018. Online. Disponível em: <http://www.ssp.rs.gov.br/estatisticas>
- Silva, G.S.F.; Bergamaschine, R.; Rosa, M.; Melo, C.; Miranda, R.; Bara Filho, M. Avaliação do nível de atividade física de estudantes de graduação das áreas saúde/biológica. **Rev. Bras. Med. Esporte**. 2007; 13(1):39-42.
- Souza, A.S.S.; Silva, S.G.; Mielke, G.I.; Hallal, P.C. Tendências temporais de atividade física e comportamento sedentário em Porto Alegre, Brasil: 2006-2012. **Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde**. 2014; 19(4):514-16.
- Pitanga, F.G.; Beck, C.C.; Pitanga, C.P.S.; Freitas, M.M.; Bastos, L.A.A. Prevalência e fatores sociodemográficos e ambientais associados à atividade física no tempo livre e no deslocamento em adultos. **Motricidade**. 2014; 10(1):3-13
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2009**. Suplemento. Acessado em 28 ago. 2018. Online. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/vitimizacao_acesso_justica_2009/default.shtm.
- Silva, D.A.S. Nível de atividade física e fatores associados em acadêmicos de educação física de uma universidade pública do nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde**. 2011;16(3):193-98.